CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
16 de novembro de 2024

TIME TO CHANGE / 2024

de Pocas Pascoal

Realização e Produção: Pocas Pascoal / *Montagem*: Mário Espada / *Música*: Herlander / *Curadora*: Sofia Marçal / *Cópia*: DCP, preto e branco, sem diálogos / *Duração*: 6 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca*.

ALDA E MARIA - POR AQUI TUDO BEM / 2011

de Pocas Pascoal

Realização: Pocas Pascoal / *Argumento*: Pocas Pascoal com Marc Pernet / *Produção*: Luís Correia / *Produção Executiva*: Paula Oliveira / *Direção de Fotografia*: Octávio Espírito Santo / *Direção Artística*: Fernanda Morais / *Guarda-roupa*: Rute Correia / *Assistência de Realização*: Cesário Monteiro, João Sales / *Música*: Lulendo Mvulu, Santocas – António Sebastião, Vicente, Marc Pernet, Eric Lonni / *Interpretações*: Ciomara Morais (Alda), Cheila Lima (Maria), Willion Brandão (Carlos), Catarina Avelar (Dona da Pensão), Elisabete Baldé (Genny), José Carlos Cardoso (Nelson), Vera Cruz (Dona Alice), Daniel Martinho (Vizinho), Cesário Monteiro (Homem da Cabine), Luzia Soares (Vizinha), Milton Sousa (Agressor) / *Cópia*: Betacam, cor, falado em português / *Duração*: 94 minutos / *Estreia Mundial*: 14 de outubro de 2011 / *Estreia Nacional*: 24 de setembro de 2015 / *Primeira passagem na Cinemateca*.

Duração total da projeção: 100 minutos.

Com a presença da realizadora.

***

A longa-metragem de estreia da angolana Pocas Pascoal propõe-se revisitar uma memória "em carne viva" proveniente da biografia da própria realizadora, com um passado como operadora de câmara para a televisão pública angolana e formada em montagem em França. Com apenas 16 anos, Pocas, ou melhor, Maria Esperança Pascoal fugiu da sua Angola em guerra e veio viver para Portugal, onde permaneceu cerca de um ano antes de prosseguir os seus estudos em França. No âmbito do curso que aí frequentou, no Conservatoire National du Cinéma Français, Pascoal dedicou-se à fotografia e produziu inúmeros filmes, todo um campo de criação ou de treino formal e conceptual que a realizadora aplicaria nesta sua primeira longa-metragem. Aliás, **Alda e Maria – Por Aqui Tudo Bem** teve um assinalável percurso internacional, marcado, também, pela sua estreia no circuito comercial português, algo de raro e difícil para cineastas de origem africana, mas, antes disso, algo de muito apreciável para cineastas que se propõem trazer uma outra luz a dimensões menos positivas, e muito ignoradas pela globalidade dos espectadores, da paisagem social portuguesa.

Por estar fortemente enraizado numa memória vivida na primeira pessoa, **Alda e Maria – Por Aqui Tudo Bem** é um filme extraordinariamente revelador da maneira como, citando a famosa reportagem fotográfica de Jacob Riis realizada nos *slums* nova-iorquinos, na viragem do século,

“the other half lives”. Neste caso, como é que as comunidades provenientes dos países africanos de expressão portuguesa viveram ou sobreviveram, durante os anos 80, nos subúrbios de Lisboa. Veja-se como, na margem sul do Tejo, a “cicerone”, uma mulher chamada dona Alice (Vera Cruz), apresenta a dura realidade às duas protagonistas: se estão à procura de um sítio, que se instalem num dos vários apartamentos abandonados da zona. É num desses apartamentos que as duas adolescentes procuram assentar arraias. O que o filme de Pascoal faz é, dentro da boa tradição realista ou neorrealista, segui-las na sua descoberta deste meio estranho, mostrando-as mais vulneráveis a cada novo passo que dão, nomeadamente sujeitas a modos de exploração laboral. É interessante ver um modo de exploração nem sempre representado em filmes de pendor social e político sobre a vida dos imigrantes e que diz respeito à maneira como, na própria comunidade, também se cometem abusos vários. Nesse sentido, podemos encontrar aqui uma espécie de simetria quase perfeita entre a dona da pensão, interpretada por Catarina Avelar (“Queriam a independência e agora andam-se todos a matar”, atira, de maneira particularmente insensível), e Dona Alice, a personagem mais desenvolvida da costureira que se presta a ajudar as raparigas, mas que, depois de as empregar como suas assistentes, rejeita pagar-lhes um ordenado, acusando Alda e Maria de serem mal agradecidas.

À superfície e isoladamente, Alda e Maria são personagens algo planas, representadas como raparigas puras à mercê de vários “lobos maus”. Todavia, a força delas e, em geral, desta fábula realista como um todo radica na força da união entre as irmãs e na genuinidade das interpretações das duas atrizes (Ciomara Morais e Cheila Lima, respetivamente), bem como no embate a que se assiste entre o seu desenvolvimento natural como jovens mulheres – a descoberta do sexo, das drogas e da obrigações da idade adulta – e a definição/indefinição quanto ao seu futuro – sabemos, desde o início, que Alda pretende emigrar para Paris, ao passo que Maria se inclina para um regresso a Angola. A relação com o país de origem – sobretudo depois de um episódio trágico que mudará o rumo desta história – é particularmente pungente: “Fiz uma cruz sobre esse sítio”, desabafa Alda, numa altura em que a decisão de partir para França está mais do que tomada e quando a sua irmã pondera seriamente voltar a Angola. Este sentimento de não-pertença – mais do que uma lógica de vitimização fácil das duas raparigas na Lisboa suburbana, que, sobretudo nas áreas industriais decadentes e semidesactivadas, é filmada de maneira particularmente interessante – é aquilo que nos mantém atentos e agarrados a esta história eivada de um sentimento triste, porque apenas *muito levemente* esperançoso, de desenraizamento, solidão e atravessada por uma turbulenta saudade relativamente àquilo – e a quem, mãe *e* pai – ficou lá para trás. **Alda e Maria** é um filme sobre o abdicar de um passado para que se conquiste, *in extremis*, entre as ruínas dos subúrbios de Lisboa, a possibilidade de um futuro.

A exposição *Time to Change*, composta por duas vídeo-instalações, foi a primeira do género com assinatura de Pocas Pascoal, tendo decorrido entre 17 de dezembro de 2022 e 22 de janeiro de 2023, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Segundo a artista, “esta exposição [teve] por objetivo convocar o público para uma reflexão profunda sobre a proteção do planeta, cuja urgência se [tornara] cada vez mais incontornável”. Nesta sessão, temos a oportunidade de ver, agora no grande ecrã, a segunda vídeo-instalação dessa exposição. **Time to Change** é um filme de arquivo, montado com o intuito de pôr em evidência uma história da grande barbárie por detrás da barbárie ambiental e que tem um nome: colonialismo ou a exploração do homem pelo homem. Em pano de fundo – mas trazido para primeiro plano mediante o olhar crítico da artista –, assiste-se à destruição de todo um ecossistema, perante a presença passiva e até cúmplice ou, digamos assim, muito pouco cristã do Homem branco. Por aqui tudo mal.

Luís Mendonça